



INSTITUTO
MIGUEL GALVÃO TELES

CRUZEIRO SEIXAS

Sessão de Homenagem

Intervenções da Conferência
28 de maio de 2019

INSTITUTO MIGUEL GALVÃO TELES

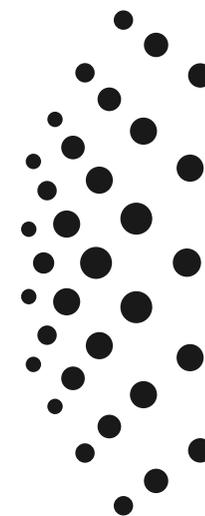
O Instituto Miguel Galvão Teles (IMGT), criado no final de 2015 no seio da Moraes Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (Moraes Leitão), pretende prestar homenagem e simultaneamente ajudar a manter viva a memória de Miguel Galvão Teles (1939-2015), enquanto grande advogado, teórico do direito, professor e entusiasta da filosofia.

O IMSGT rege-se pela liberdade e rigor de pensamento, ética e cidadania ativa, integridade e independência, generosidade e abertura ao mundo, valores que espelham o legado de Miguel Galvão Teles, e que se materializam através de iniciativas de cariz académico, cultural e formativo promovidas por ou relacionadas com a Moraes Leitão e que contribuem para a promoção do conhecimento científico nas áreas do direito e da filosofia, entre outras.

Como entidade independente, que tem a seu cargo a promoção de conferências, colóquios e a realização de ações de formação, o IMSGT organiza, semestralmente, conferências que visam apoiar a investigação científica e estabelecer relações com a academia e outras instituições viradas para o conhecimento.

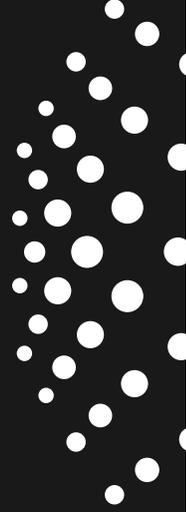
CRUZEIRO SEIXAS

Sessão de Homenagem



CRUZEIRO SEIXAS

Sessão de Homenagem



Intervenções da Conferência

CRUZEIRO SEIXAS

Sessão de Homenagem

Intervenções da Conferência

28 de maio de 2019

EM PARCERIA COM



AUTORES

Rui Patrício

Graça Fonseca

Cruzeiro Seixas

IMGT – INSTITUTO

MIGUEL GALVÃO TELES

www.mlgts.pt/pt/sobre-nos/instituto-miguel-galvao-teles

COORDENADORES

Rui Patrício

Leonor Botto

Martim Krupenski

PUBLICAÇÕES

INSTITUTO MIGUEL GALVÃO TELES

ISSN 2184-1764

PÁGINA 9

RUI PATRÍCIO

PÁGINA 35

GRAÇA FONSECA

PÁGINA 39

CRUZEIRO SEIXAS



Rui Patrício Cocoordenador do IMGT, sócio da Moraes Leitão

Esboço de um oiro possível

Boa tarde a todos, sejam muito bem-vindos. A senhora ministra da Cultura acabou de me pregar uma partida um tudo-nada surrealista: era suposto que fosse a senhora ministra a abrir a sessão, mas pediu-me que fosse eu a começar, o que é um privilégio.

Começo por cumprimentar, naturalmente, a senhora ministra da Cultura – e cumprimentar a Graça, minha amiga e colega de curso (ela permitir-me-á que eu lhe dirija estas palavras pessoais).

Em segundo lugar, cumprimento o mestre Cruzeiro Seixas: é muito bem-vindo à nossa casa. Talvez um pouco inusitadamente, quero pedir-vos uma coisa: quando eu acabar de falar, as pessoas vão bater algumas palmas, quanto mais não seja por simpatia e cortesia; por isso, quero pedir-vos que, para termos a certeza de que as palmas são dirigidas ao mestre e não às minhas palavras, lhe deem já uma salva de palmas. É claro que, no fim, também esperarei algumas palmas para aquilo que vou dizer (não tão intensas), mas queria ter a certeza de que ovacionavam o mestre, porque ele é o nosso homenageado.

Em terceiro lugar, cumprimento o José Beja e o Rui Beja, da galeria O Rastro, que nos lançaram este desafio e são nossos parceiros neste evento. Cumprimento também o Carlos Gonçalves, da Artview, que também está associado a este evento desafiante e a quem agradeço muito a confiança por o realizarmos aqui.



Agradeço ainda à minha própria sociedade, por ter aceiteado este desafio e o ter recebido tão bem. Estão aqui muitos colegas meus, a quem cumprimento na pessoa do nosso *managing partner* Nuno Galvão Teles e, em especial, na pessoa do nosso sócio fundador Dr. José Manuel Galvão Teles. Agradeço-vos o acolhimento desta iniciativa. Trata-se de uma iniciativa um pouco fora do vulgar numa sociedade de advogados, mas o desafio foi-me lançado por estas duas galerias, eu apresentei-o ao escritório e este acolheu-o com muito carinho e entusiasmo. Saúde, por isso, todos os advogados na pessoa destes dois queridos sócios (um deles meu querido mestre). Agradeço também aos meus colegas que coordenam comigo o Instituto Miguel Galvão Teles – a Leonor Botto e o Martim Krupenski –, bem como a todos os presentes.

Estamos aqui para fazer uma homenagem ao mestre Cruzeiro Seixas. O pretexto (que é mesmo apenas um pretexto, porque não precisávamos dele: a homenagem e o homenageado valem por si) é o lançamento de cinco serigrafias. Os originais estão aqui expostos; lá fora encontrarão as serigrafias à venda, e espero que se entusiasmem com o que encontrarão depois desta apresentação. Poderão comprá-las, se assim quiserem, e eu diria atrevidamente que a preços muitos simpáticos, de lançamento.

O que vou fazer agora é uma exposição, “tão breve quanto possível”, da obra do mestre Cruzeiro Seixas. Um dos meus vários defeitos é ser prolixo, mas o mestre merece todas as palavras, apesar de eu não saber se estarei à altura. Fá-lo-ei tomando como pretexto as cinco serigrafias que vamos lançar hoje, aqui. Naturalmente, nem sequer me atrevo a fazer a biografia do mestre, ou a falar das várias facetas da sua obra – que é muito vasta e multifacetada. Farei apenas alguns apontamentos. Se quiserem, serão elementos de uma colagem. Farei o que me é possível.

Darei um título a cada uma das serigrafias. Os títulos não são delas, nem da responsabilidade do mestre. A qualidade das obras é da responsabilidade do

mestre, mas a qualidade dos títulos é da minha responsabilidade. A propósito de cada um deles, direi algumas palavras sobre a biografia artística do mestre Cruzeiro Seixas.

Eu sei que o mestre não gosta que lhe chamem “artista”. Num livro sobre a sua vida chamado *Ao Longo do Longo Caminho*, ele disse: «o artista é um senhor superior aos outros, que tem realmente um outro grau, e eu acho que não tenho grau nenhum superior aos outros. Sou como as outras pessoas, só que faço uns bonecos». Atrevo-me a discordar do homenageado. O homenageado não faz apenas “uns bonecos”, nunca o fez: é um artista, no pleno sentido da palavra.

A primeira pergunta que vos ocorrerá é esta: porque é que uma sociedade de advogados e o seu Instituto Miguel Galvão Teles fazem uma sessão de homenagem a um artista, nomeadamente ao mestre Cruzeiro Seixas. Julgo que é uma pergunta que acudirá naturalmente ao espírito de alguns. Responderei com quatro razões. A primeira, que é a mais importante e seria suficiente por si só, é o facto de o mestre merecer. Merece ser homenageado, e isso bastaria para justificar porque é que uma instituição, por exemplo uma sociedade de advogados, o homenageia.

Mas há mais três razões que me ocorrem. A segunda passa por salientar e sublinhar que a formação e a vida dos advogados têm de ir muito além do Direito, do aspeto técnico-jurídico. Os advogados têm de ser pessoas cultas, abertas ao mundo, indivíduos com sentido artístico. Têm de ser pessoas completas – têm de ser “pessoas integrais”.



“A pessoa integral”

O mestre também procurou, ao longo de toda a sua vida, moldar, espelhar, pintar ou representar através da poesia e de outras formas artísticas pessoas integrais, que não se esgotam nem se definem através de uma única faceta. Por isso, permitam-me a imodéstia de achar que é muito apropriado que uma sociedade de advogados, com a preocupação de formar advogados, de ter advogados completos e abertos ao mundo, homenageie um artista sublinhando a importância de que qualquer um de nós nas nossas profissões, em concreto nós os advogados (porque estamos numa sociedade deles, embora tenhamos o prazer de ter aqui presentes muitas pessoas com outras profissões e funções), sejamos pessoas completas e integrais. Ai do advogado que é apenas um técnico do Direito! Não irá muito longe e não será muito completo.

A terceira razão é o facto de eu achar que a obra do mestre, como a de muitos outros artistas, tem como principal objetivo escavar sob a realidade. Há quem diga que o mestre é surrealista, podemos discutir um pouco isso mais à frente, se ele não estará já para além do surrealismo, se os rótulos fazem sentido, se os “ismos” não são empobrecedores... Seja ou não surrealista (e talvez seja em grande parte, nomeadamente na sua filiação, no seu início, na sua obra seminal), a verdade é que o surrealista não subverte a realidade: escava sob ela, procura as várias camadas, o que está debaixo das aparências. Isso também é algo que um advogado deve fazer, e uma analogia que faço entre o artista e o advogado como alguém que escava permanentemente: escava com liberdade, com ousadia, com imaginação, com curiosidade e escava com criatividade. Portanto, também há uma fortíssima analogia e uma fortíssima ligação feliz entre a homenagem a um artista como o mestre Cruzeiro Seixas e a atividade dos advogados.

Em último lugar – e quase tão importante como a primeira razão, que era o merecimento do mestre –, toda a sua obra vai no sentido da afirmação da dignidade da pessoa integral. A dignidade é cada vez mais uma coisa

que devemos inscrever no discurso público, nas suas várias vertentes. A dignidade da pessoa humana está inscrita na nossa Constituição da República, como elemento fundador, mas por vezes é esquecida para lá dessa afirmação retórica na Constituição. A dignidade significa encarar cada pessoa em todas as suas facetas, compreendê-la em todas elas, mas não a rotular, reduzir, julgar e/ou tratar em função de nenhuma delas: tratá-la como pessoa integral. Ora, o mestre, na minha leitura (e, como dizem os juristas, “salvo melhor opinião”), procurou durante toda a vida fazer essa afirmação de uma pessoa integral e digna, que não se reduz nem se esgota em nenhuma vertente, não fica amarrada nem contida em definições. Foi por isso que resolvi começar com esta serigrafia, que é a reprodução do primeiro quadro, chamando-lhe “A pessoa integral” e explicando porque é que, numa sociedade de advogados, decidimos fazer esta homenagem.



“A lição de Schopenhauer”

Antes de mais, perguntarão a qual das lições de Schopenhauer me estou a referir, já que Schopenhauer nos deixou tantas, sendo um filósofo tão importante e que marcou tanta gente. Estou a referir-me, em concreto, à sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*, que é tida como a mais importante. Este livro tem muitas lições. O título que dei está no singular, mas talvez escolha duas lições de Schopenhauer, que são muito adequadas para caracterizar e apresentar, ainda que sucintamente, a obra do mestre.

O livro *O Mundo como Vontade e Representação* está dividido em quatro partes. Na terceira, Schopenhauer fala da arte como necessariamente liberta do espartilho da razão. E o mestre, como aliás muitos dos seus contemporâneos, das pessoas que o inspiraram ou se inspiraram nele, procura uma obra muito liberta do espartilho da razão, das fronteiras e inibições que ela pode pôr às nossas camadas mais profundas: o sonho, os labirintos interiores e tudo isso que faz parte da obra do mestre, estando vertido e espelhado nela. Portanto, a lição schopenhaueriana de que a arte deve ser um movimento liberto do espartilho da razão é algo muito presente em toda a obra do mestre, seja na pintura ou noutras expressões artísticas que abraçou, como sejam a poesia, a escultura, *et cetera*.

Mas há outra lição de Schopenhauer que eu vejo muito marcada na obra do mestre. Trata-se de uma visão, de uma leitura e de uma responsabilidade minhas – e, se houver “queda” nesta apresentação, a queda é minha. No quarto livro de *O Mundo como Vontade e Representação*, depois de um caminho longo, Schopenhauer conclui que toda a vida é sofrimento. Dir-me-ão: «que pessimista!». Não creio, nem que Schopenhauer seja pessimista nem que se possa dizer do mestre que é pessimista. O que se poderá dizer é que a consciência de que toda a vida é a perseguição do impossível gera

sofrimento, mas isso não inibe uma tentativa de superação, e de continuar a criar, a viver, a perseguir objetivos e sonhos – ainda que com a consciência de que há sempre um certo grau de impossibilidade e de frustração.

Creio que o mestre fez isso muito bem: escreveu, pintou, colou, esculpiu, nas várias formas de arte que encontrou ao longo da vida, mostrando não só que há uma dor contínua, mas também que há uma superação contínua dessa dor. Fê-lo através das suas formas de expressão, que são artísticas.

A importância do mestre na cultura e na arte portuguesas é evidente. Todos se recordarão daquela brincadeira entre Fernando Pessoa e Almada Negreiros: Fernando Pessoa fez uma crítica a Almada Negreiros, dizendo que a ausência de génio nele se manifestava em não se manifestar. Eu inverteo a blague de Fernando Pessoa sobre Almada Negreiros e faço uma afirmação muito clara da genialidade, da importância e do carácter marcante do mestre na cultura e na arte portuguesas: o génio do mestre manifesta-se em se manifestar.

Não podemos esquecer que, na obra do mestre, há uma tensão contínua entre a impossibilidade/frustração e a tentativa de superação. Isso está muito presente nesta segunda serigrafia: o ir vivendo, superando a dor, continuando a criar. Trata-se de uma coisa muito importante e marcante transversalmente, ao longo das décadas da sua obra.

Já que as minhas palavras são apenas “o possível”, permitam-me que recorra às de terceiros ainda para ilustrar este segundo “andamento” (uma vez que temos aqui à nossa frente cinco “andamentos”, se quisermos usar uma linguagem musical). Permitir-me-ão que vos leia, porque é muito apropriado nesta homenagem, um poema de Mário Cesariny. Não o vou ler apenas por ser um poema dele; vou lê-lo por ser um poema de Mário Cesariny que me parece espelhar muito bem o que quero dizer sobre a obra do mestre –

mas também o vou ler, simbolicamente, por ser dele. Chama-se “O poeta chorava” e é um poema do livro *Nobilíssima Visão*:

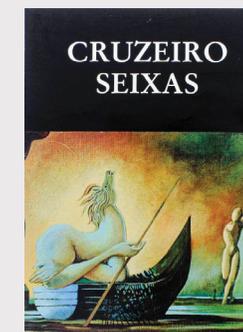
*O poeta chorava
o poeta buscava-se todo
o poeta andava de pensão em pensão
comia mal tinha diarreias extenuantes
nelas buscava uma estrela (talvez a salvação?)
O poeta era sinceríssimo honesto total
raras vezes tomava o elétrico
em podendo
voltava
não podendo
ver-se-ia
tudo mais ou menos
a cair de vergonha
mais ou menos
como os ladrões*

*E agora o poeta começou por rir
rir de vós ó manutenedores
da afanosa ordem capitalista
depois comprou jornais foi para casa leu tudo
quando chegou à página dos anúncios
o poeta teve um vômito que lhe estragou
as únicas que ainda tinha
e pôs-se a rir do logro, é um tanto sinistro
mas é inevitável, é um bem, é uma dádiva.*

*Tirai-lhe agora os versos que ele próprio despreza
negai-lhe o amor que ele mesmo abandona,
caçai-o entre a multidão.*

*Subsistirá. É pior do que isso.
 Prendei-o. Viverá de tal forma
 que as próprias grades farão causa com ele.
 E matá-lo não é solução.
 O poeta
 O Poeta
 O POETA
 destrói-vos.*

Decidi ler este poema de Mário Cesariny porque me parece que reflete muito bem um dos traços mais marcantes do mestre. Com estas belas palavras, encerro este segundo andamento.



Esta não é uma das nossas cinco serigrafias, mas também não é um acidente na minha exposição. Serve apenas para vos dizer que quem quiser conhecer em detalhe a obra e a biografia do mestre tem muita bibliografia ao seu dispor. Talvez um dos melhores livros seja este. Isto é apenas um exemplo e uma exortação: quem quiser procurar e saber mais, vá procurar às fontes, sendo que eu vos dou esta fonte como exemplo. Trata-se de um livro que foi feito em 1989, a propósito da atribuição ao mestre do título de “Artista do Ano”. É apenas um exemplo de onde poderão ir buscar o detalhe e a profundidade da análise da obra do mestre, que naturalmente eu não sou capaz de vos dar aqui, neste fim de tarde.

“As cartas do rei Artur”

Este, sim é o terceiro “andamento”. Chamei a esta imagem “As cartas do rei Artur” porque se trata do título de um documentário sobre a vida do mestre. É um documentário centrado em várias facetas da sua vida e da sua obra, mas centrado sobretudo numa, que, na minha perspetiva, corresponde a um dos traços centrais do seu legado artístico: o amor. Artur de Cruzeiro Seixas é, entre outras coisas, um artista do amor, e isso é uma coisa que, a meu ver, deve ser sublinhada – e que é muito sublinhada nesse documentário da Cláudia Rita Oliveira. Naturalmente, o “rei Artur” é o nosso mestre, não é o rei Artur da Távola Redonda, embora o imaginário possa ser semelhante.

Cruzeiro Seixas é um poeta do amor feliz e do amor infeliz – do amor em todas as suas facetas. O mestre escreveu isto sobre o amor, sobre a relação a dois: «por mais voltas que se dê, o que temos sempre são dois erros frente a frente». Esta é a síntese de toda a sua expressão plástica, poética e artística sobre o amor: o amor como inevitabilidade, mas também o amor como impossibilidade, como uma coisa que se busca permanentemente, mas que deixa sempre o travo de alguma impossibilidade e insatisfação. Na minha leitura, Cruzeiro Seixas é um dos nossos maiores artistas do discurso amoroso, no que ele tem de alegria, entusiasmo e paixão, mas também no que tem de sofrimento, de frustração, de constante luta entre a catástrofe e a promessa, o eterno e o precário, o triunfo e o fracasso. Ele é um autor de tudo isto, e tudo isto é o amor.

Mas é também – é preciso dizê-lo, ainda nos dias de hoje ou talvez sobretudo nos dias de hoje – um artista do corpo, do *eros*, um artista que assinala o triunfo do dionisíaco sobre o apolíneo. (Eu podia ter chamado a esta serigrafia “A lição de Nietzsche”, porque Nietzsche traça o triunfo do dionisíaco sobre o apolíneo.) É um artista do corpo, do impulso erótico, da importância do sexo e da consumação erótica como parte fundamental desse mesmo amor. E, portanto, creio que esta imagem é muito importante e

muito simbólica de todo o percurso artístico do mestre Cruzeiro Seixas, nas suas várias vertentes.

Mais uma vez, vou citar palavras do próprio, que são muito recentes. Afirmava o mestre que vive a navegar em desordem mas continua apaixonado pela vida e pela poesia, que diz ser a coisa mais importante que aconteceu ao homem, porque é pela poesia que se consegue a liberdade verdadeira. Depois disse, e disse-o muito recentemente, pelo que julgo que, ao dizer o que acabei de dizer, não sou infiel ao seu pensamento e ao seu legado artístico: «o amor é sempre insuficiente. Queremos sempre mais, mais, mais. Mas é uma compensação muito forte para esta coisa difícil que é viver».





“O fogo é agora verde”

“O fogo é agora verde” não é uma expressão que eu tenha inventado: é uma expressão do mestre Artur de Cruzeiro Seixas. Trata-se de um excerto de um trabalho poético, onde diz: «o fogo é agora verde,/pertence ao reino animal». “O fogo é agora verde” e esta imagem são para mim coisas muito sugestivas. Esta imagem pode significar o passado, o presente, o futuro ou todas essas coisas. Reparem que é o fogo que queima, mata e destrói, mas também é o fogo que incendeia, apaixona e aquece. E reparam como, na imagem, onde tudo é desértico, onde há despojos e destruição, há pequenos traços, um chapéu, pequenos sinais de vida que nos permitem perceber que, por pior que tenha sido o passado, por mais que a vida seja sofrimento, há sempre a possibilidade de superação e continuação. E por isso é que o fogo agora é verde: o verde da esperança, de continuar, apesar da ideia de que o amor é insuficiente e de que a vida pode ser, de alguma forma, insuficiente. Mas é também uma superação, um caminho, um trabalho e uma vivência com coragem e ousadia – e esse é outro traço da obra do mestre.

Se eu disse que a obra do mestre é muito marcante em termos de amor, digo que ela também é muito marcante em termos de afirmação da liberdade, do sonho, da coragem e da ousadia. Toda a obra do mestre, incluindo o seu posicionamento cívico ao longo da vida, é uma manifestação de ousadia e de coragem. O mestre e companheiros seus, bem como pessoas que o inspiraram e se inspiraram nele, foram muitas vezes chamados “loucos”. Hoje está aqui consagrado; mas, se recuarmos aos anos 1950 ou 1960, as coisas eram diferentes: eram chamados “loucos”.

A propósito disto, lembro-me do primeiro manifesto surrealista de André Breton, de 1924. Nesse manifesto, Breton dizia uma coisa muito interessante: «nós, os surrealistas, somos loucos. Não se esqueçam de que, para ir para a América, Colombo precisou de arranjar um punhado de loucos;

com esse punhado de loucos, meteu-se em barcos; e vejam no que deu essa loucura!». Quando alguém, no seu tempo, sendo ou não profeta antes do tempo, é apodado de “louco”, ocorre-me sempre este ensinamento de André Breton, expresso no primeiro manifesto surrealista. O mestre foi muitas vezes apodado de “louco”, e vejam agora, tanto tempo volvido, a importância que a sua obra tem.

Estou quase a chegar ao fim, senhora ministra, Graça, minhas senhoras e meus senhores. Encontro-me na parte final do quarto “andamento”; haverá depois um quinto e não muito mais. Mas, como acho que é a melhor forma de tentar fazer um percurso fiel ao homenageado, vou ler-vos algumas palavras do próprio mestre, em jeito de autobiografia e/ou de tracejado do seu legado e do seu pensamento artístico. Palavras que constam do livro de que falei há pouco, que são notas autobiográficas de Cruzeiro Seixas e que têm este título absolutamente maravilhoso: “Uma ferida que dança”. O título deste texto poderia ser uma síntese de toda a obra de Cruzeiro Seixas: apesar de ser ferida e apesar do sofrimento, ela dança. No fundo, era isto que eu queria dizer (não tão bem, nunca o conseguiria dizer tão bem como o mestre) quando evoquei a lição de Schopenhauer no quarto livro de *O Mundo como Vontade e Representação*. Diz-nos Cruzeiro Seixas: «[m]eu nome completo é Artur Manuel Rodrigues de Cruzeiro Seixas e nasci em 1920, em dezembro, numa “vivenda” que era nossa e que mal deu depois para pagar aos credores fantásticos, que surgiram quando faleceu o meu avô. Lembro-me dos vidros coloridos das bandeiras das janelas, e das portas interiores do átrio. E da pereira do jardim, de que minha Avó apanhava as peras ainda verdes, e as punha a amadurecer entre as roupas, nas gavetas, para que ninguém de casa as comesse senão eu. Saí dessa casa apenas com 5 anos». Estamos na presença desta pessoa, de alguém que, para além dos traços que já identifiquei, é também um artista da memória, que cultiva a memória, as pequenas coisas, os pequenos momentos da vida.

Depois diz, sobre Lisboa: «[a] vida desvendada desta cidade nunca me prendeu especialmente. E menos a vida de café que então se fazia. E

menos ainda os conluios, os cálculos, as invejas, os assassinatos da vida dita intelectual. A minha juventude procurava avidamente outros horizontes, sem talvez saber bem o que procurava. Sabia isto: que aqui se sufocava. E (por acaso?) acertei nessa procura». Há pouco disse que hoje estamos a homenagear o mestre, mas é preciso pensar nas décadas que estão para trás, no modo como o seu trabalho foi visto, nos caminhos que abriu e no que contribuiu também, e em larga medida, para o afastamento desse sufoco.

Depois o mestre conta os vários empregos que teve, as várias experiências por que passou, a sua chegada a Angola, a sua descoberta de Angola, a sua vida na Marinha Mercante quando outros corriam para Paris (o mestre teve de sobreviver e de cuidar dos pais, de andar por aqui e por ali). E, a dado passo, concorre a uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Escreveu à Fundação uma longa carta, onde justificava a atribuição dessa bolsa. Vou ler-vos apenas uma passagem dessa carta, que julgo ser muito ilustrativa não só do seu pensamento mas também da sua pessoa. Dizia Artur de Cruzeiro Seixas, dirigindo-se à Fundação Calouste Gulbenkian em 1967: «[o] que pretendo é ser um homem, um homem que pinta, e que pinta porque não pode dizer e fazer o que queria! Digo que não me encontro preparado para falar da minha pintura, e isso, além do já aflorado, também por um sentimento de intenso pudor. Preciso que os anos e o esquecimento passem sobre o que faço, para que, olhando-o já com outra independência, o possa julgar com relativa justiça. São complicadas as minhas relações com o que faço, são mesmo desesperadoras. Inexplicáveis talvez». Trata-se de uma artista insatisfeito, e essa insatisfação é também um traço muito marcante da verdadeira criação e da verdadeira capacidade de nos deixar, e de continuar a fabricar, um legado muito importante.

É também um homem que vai contracorrente. Mais à frente, conta a sua vida de galerista e o modo como a abandonou, em parte por insubordinação (a expressão é minha) contra a tentativa de catalogar, rotular. Se quiserem, e para usar uma expressão pomposa e que agrada aos juristas, o nosso mestre

também combateu muito a “normativização”: a rotulagem, o encerramento das pessoas em catálogos e em regras.

Agora vou citar mais umas frases escritas pelo mestre neste jeito autobiográfico, que acho que são ideais para ilustrar a quarta serigrafia. Dizia o mestre, em junho de 1975: «[d]izem alguns que sou um surrealista ortodoxo na obra que vou realizando; aproveito no entanto a ocasião para esclarecer a quem queira ser esclarecido que o serei, mas tão só enquanto não descobrir uma outra porta, que me leve a um outro espaço. É isso o que mais desejo, é nisso que se consomem todos os meus dias. Um barco de pedra é o que temos para navegar». Reparem nesta aparente antítese: o barco é de pedra mas navega, tal qual “A ferida que dança”, o título deste texto. Esta antinomia entre sofrimento e tentativa de superação é absolutamente marcante na obra do mestre, que depois define o surrealismo, fala do seu currículo, e termina dizendo isto (é mesmo o fim desta sua nota autobiográfica): «[m]as eu não sou verdadeiramente o Cruzeiro Seixas: sou um representante dele. Esse por certo que não visitaria só aos quarenta e cinco anos os museus do Prado ou do Louvre, não ficaria preso na intrigalhada deste meio abjeto... As pessoas empenham-se agora em *assumir*, isto e aquilo, eu antes de mais quero assumir a minha solidão, a distância a que fiquei do amor sublime, que acima de tudo desejei». Vejam o despojamento e, ao mesmo tempo, a importância do amor.

Mas, e para terminar este quarto “andamento”, Cruzeiro Seixas é também um artista do riso, da ironia, do humor como forma de superação da dor. Além de citar Cesariny, eu tinha de citar Alexandre O’Neill. O poema é muito curto, não se preocupem; e não é o “Sigamos o cherne”. Trata-se de um poema do livro *No Reino da Dinamarca* e chama-se “Rir, roer”.

*E se fôssemos rir,
Rir de tudo, tanto,
Que à força de rir
Nos tornássemos pranto,*

*Pranto coletor
Do que em nós sobeja?
No riso, na dor,
Que o homem se veja.*

*Se veja disforme,
Se disforme for.
Um horror enorme?
Há outro maior...*

*E se não houver,
O horror é nosso.
Põe o dente a roer,
Leva o dente ao osso!*

Eis a capacidade de aliar a dor e o sorriso, e de, através da ironia, conseguir a superação que eu encontro em toda a obra do mestre.



“Não percas a rosa”

Chegámos ao último “andamento”. As serigrafias são todas magníficas, mas eu gosto especialmente desta. (Creio que os meus amigos José e Rui Beja também gostam especialmente desta: somos parecidos em muitas coisas.) Chamei-lhe “Não percas a rosa”. Trata-se do título de um livro de Natália Correia, que também não podia faltar aqui, porque de alguma forma Natália Correia também está ligada à vida do mestre. Não podia faltar aqui Natália Correia nem este título por duas razões e meia. A “meia” é o facto de eu gostar muito dela: sou eu que estou a falar, posso escolher e escolhi a Natália Correia. Mas as duas razões são as seguintes. Em primeiro lugar, porque eu contactei pela primeira vez, verdadeiramente, com a obra de Cruzeiro Seixas a pretexto de um livro organizado por Natália Correia, que é este que tenho aqui. Parece a Bíblia, mas não é: é a célebre *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. Foi publicada pela Afrodite de Ribeiro de Mello, deu um processo em tribunal e foi muito importante para algum “sacudir” dos ventos nos anos 1960. Esta edição tem desenhos de Cruzeiro Seixas, e a primeira vez que eu olhei verdadeiramente, com olhos de ver, para Cruzeiro Seixas foi quando, há muitos anos, adquiri este exemplar. Foi com ele que comecei a gostar e a despertar para Cruzeiro Seixas – e, portanto, não podia deixar de evocar aqui Natália Correia.

Mas esta razão não é a mais importante; a mais importante é o facto de este título – embora corresponda a um livro de crónicas – ser absolutamente poético; acho que também poderia ser um resumo da obra e do legado do mestre. “Não percas a rosa”: no teu horizonte, mais ou menos longínquo, mais ou menos difícil, mais ou menos sofrido, não percas a rosa, o sonho, a poesia, a ousadia, a imaginação, a perseverança, a liberdade. *Nunca percas de vista a rosa*, mesmo que navegues num barco de pedra, mesmo que a ferida que pões a dançar seja mesmo uma ferida, não percas nunca a rosa no teu horizonte.



Foi por isso que escolhi este título de Natália Correia para ilustrar esta pintura. Esta pintura é, para mim, a representação do sonho; é a representação e o símbolo de uma coisa em que se acredita sempre, para lá das agruras do presente.

Já que elogiei e acentuei, entre outros traços, a ousadia da obra do mestre, vou ter a ousadia de terminar este quinto “andamento” lendo ao mestre e a todos algumas palavras minhas. Certamente perdoar-me-ão, trata-se apenas de uma ousadia justificada por uma tentativa de tributo. Chamei a estas palavras “Esboço de um oiro possível” (“oiro possível” também é tirado de um verso da poesia do mestre Cruzeiro Seixas. Reparem: “oiro”, que é tudo, mas é apenas o “possível”). “Esboço de um oiro possível” podia ser o título desta minha brevíssima apresentação.



Estamos aqui para homenagear o mestre; somos todos seus devedores: peço-vos uma nova grande salva de palmas para o mestre Cruzeiro Seixas.

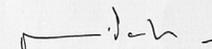
Esboço de um oiro possível

(Para o festejo Anthon Cruzino ~~de 2011~~)

E (a)manhã?

Serei ainda
 dos amores que matam
 e que moem
 dos versos que procuram
 e que doem
 dos olhares que sabem
 e que mentem
 dos gritos que calam
 e consentem,
 serei ainda
 bicho esquisito
 bicho doido
 bicho aflito
 e com sede de infinito,
 o bosquejo o bocejo
 na ponta viscosa
 das baionetas,
 a fuligem a vertigem
 na cauda luminosa
 dos cometas,
 serei traço
 ou abraço
 nicotina

bailarina
 concertina
 ou fracasso – com laço e brilhantina,
 serei cio
 ou um rio
 que procria no poema (que aguenta)
 lambe a ferida (que rebenta)
 e não quer
 e não percebe
 a morte lenta.


 Rui Patrício



Graça Fonseca Ministra da Cultura

Caro Mestre,

É-nos fácil, comovente, até mesmo um dever, homenageá-lo, agradecer-lhe a história, a luta, a obra e a vida. Mas o que aprendemos consigo e com os seus amigos daquilo que é a vida? Foi o mestre quem o disse numa entrevista que a vida só se define quando lutamos contra aquilo que está estabelecido. Também acredito nisso.

Gosto de viver num tempo em que, por ser ministra da Cultura, lhe posso agradecer, pessoal e institucionalmente, a liberdade e a herança do risco e da audácia. Gosto de viver num tempo em que «no silêncio sem pudor da luz e das engrenagens apavorado e demente separo a noite do dia» e posso olhar de frente, e em frente, e agradecer-lhe o exemplo, a arte e a poesia.

Caro Mestre Artur do Cruzeiro Seixas, sua excelência Rei Artur, surrealista não é a arte, mas a vida. Poética foi a forma como no-la deram a entender, como quebraram medos e dúvidas, e como se integraram «por fim os barcos na nudez da paisagem».

Agradeço-lhe, por isso, por isso. E porque foi preciso «alguém para abrir as janelas que não há». Alguém para nos contar como foi e como poderá ser, alguém que sonhou com a vista vasta onde bailarão a concha e a verónica, alguém que não aceitou os limites da liberdade escravizada e soube «aproveitar o acaso».

Alguém artista, alguém poeta, alguém apaixonado, como o Rei Artur, último dos surrealistas porque primeira voz a contar-nos como podemos «desenhar o corte longitudinal da escada de caracol que existe no interior de todos os ciprestes».

Alguém, enfim, de quem podemos dizer que o medo não vergou, que a solidão não cobriu, que a realidade tornou real.





Cruzeiro Seixas

Não tenho o dom da palavra e, perante as coisas extraordinárias que disseram, tenho uma pena imensa e espero que me seja possibilitada a leitura daquilo que escreveram: já não percebo quase nada.

São quase noventa anos, muito complicados e talvez muito difíceis. A História está cheia de mais. Nesta altura, já transbordo um bocadinho de História: a História deste país pequeno e com tantas dificuldades, que nós próprios criámos por um mal-entendido com o mar. Nunca nos entendemos com ele, o que é extraordinário porque habitamos um país do mar. Depois, a nossa posição geográfica afasta-nos muito do resto da Europa: temos uma Espanha enorme, a França e a Inglaterra, que tomam conta da Europa. É ridículo ainda dizer isto, mas tivemos entre nós um homem que foi um poeta extraordinário, de uma modernidade a toda a prova: Camões. Quanto ao ideal que ele nos quer transmitir e nos transmite com tanta força, pergunto se somos nós que não sabemos pegar nele ou se foi ele que não soube fazê-lo... Somos nós os culpados daquilo que não está feito e que era o grande sonho de Camões.

Quanto ao resto, à minha vida: tive uns pais admiráveis, principalmente uma mãe admirável (não falo dela sem emoção). Logo a seguir, em plena adolescência, tive um amigo extraordinário, que foi o Cesariny. Sendo mais novo que eu dois anos, foi de certa maneira um pai para mim, porque o que ele já sabia ou adivinhava – o que estava dentro da própria natureza dele – era extraordinário. Não quer dizer que não errasse: errava imenso. Os caminhos do mar eram tortuosos e muitas vezes errados. Mas isso nada tem a ver com o génio, o génio é outra coisa, o génio não acerta sempre. E o Mário foi realmente uma figura espantosa.

Em 1949, quando fizemos a nossa primeira exposição, eu já estava empregado, porque havia uma necessidade lá em casa de alguém que ganhasse dinheiro. De maneira que o meu contributo dito “intelectual” foi sempre muito pequeno: enquanto os meus colegas passavam os dias nos cafés, eu estava preso no emprego. Desde finais de 1948, estive sempre preso em empregos. Os meus trabalhos têm todos o mesmo tamanho porque era o tamanho que cabia dentro das gavetas dos empregos! Foi dentro dessas gavetas que fiz a maior parte da minha obra. Uma vez feita, foi muito mais aquilo que dei do que aquilo que vendi. A minha inabilidade para vender é “total”! Não sou capaz de vender coisa nenhuma.

Assim se passou uma vida. Dou-vos um exemplo que talvez tenha algum interesse: quando os meus amigos iam todos para Paris para ir ao “centro do Mundo” (era o centro da cultura), eu fui para África, para ganhar algum dinheiro mas também por paixão. E não se pense que o dinheiro que ganhei em África era o dos colonialistas: era ganho em empregos como, por exemplo, o de camionista. Nunca tive empregos extraordinários, nos quais pudesse fazer fortuna. Uma das coisas que me prendia em África, para além do emprego certo, era realmente aquela gente, aquele povo que vivia escravizado por uma coisa horrível a que se chamava “Pátria”. Enfim... coisas abomináveis, que ainda continuam a existir.

A vida é muito complicada e é “apaixonante”. É complicada porque o homem vive a criar problemas. Por exemplo, desde o princípio da sua existência que o homem persegue a homossexualidade, e ela é tão natural como o homem: nasce com ele. A maior parte dos homens tem experiências homossexuais, que esquecem, têm medo de seguir, etc. Atualmente, acho que o mundo está doente de uma coisa horrível, da pior das doenças: o dinheiro. Não há dinheiro que baste aos homens: têm a casa do campo, têm a casa da praia, têm não sei quantos automóveis... É uma loucura. Essas pessoas são uns “salaios”! E, infelizmente, é a maioria.

Tenho de agradecer às pessoas que usaram da palavra com muita paixão, que eu não estou à altura para receber. Agradeço imenso, como prova de amizade.

Este livro, o *Ao Longo do Longo Caminho*, foi uma coisa feita sem a Fundação Cupertino de Miranda ter tratado minimamente comigo. Foram eles que o fizeram, sozinhos, e reúne uma quantidade enorme de colaborações de gente “lá de fora”, de estrangeiros. Intelectuais, artistas, gente apaixonada. Isso foi uma surpresa para mim próprio e foi bonito: deu-me alguma satisfação.

Em linhas muito gerais, é uma vida. Quando as pessoas dizem que o meu trabalho é excecional... Não é. Toda a gente faz coisas. Uns nascem para jogar futebol, outros nascem para andar de bicicleta, outros nascem para ter muitos automóveis, outros nascem para andar de avião, eu nasci com habilidade para fazer bonecos. Não sou um senhor importante lá por isso. Não uso cabeleira comprida, não tenho *lavallière* não tenho sobretudo um ateliê, que considero horrível: nunca tive, e acho horrível um artista ter um ateliê, um sítio reservado para ele, a sua loja.

Já vos disse aquilo que fiz. Foi tudo feito de acasos e dentro das gavetas dos empregos. Quando o chefe vinha, eu fechava-as. Era muito mau funcionário, diga-se a verdade!

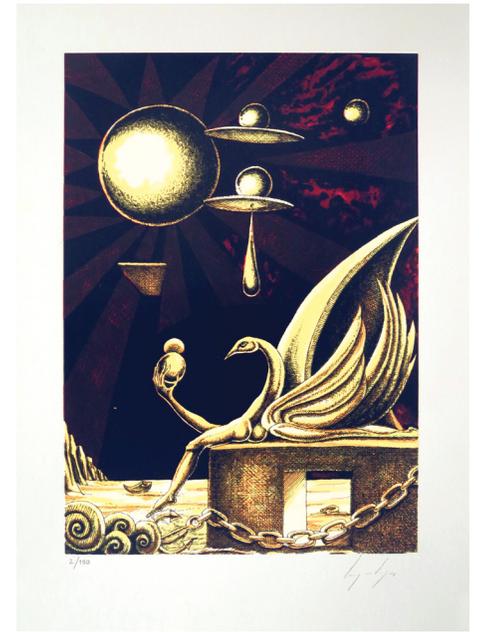
Um agradecimento a todos por estarem aqui: um agradecimento comovido, por estarem aqui e pela atenção que me dão, particularmente à senhora ministra, às pessoas que falaram e que organizaram este encontro. A todos muito, muito obrigado.



CRUZEIRO SEIXAS

Sessão de Homenagem





Outras Publicações Instituto Miguel Galvão Teles

IGUAL | DESIGUAL

Igualdade de Género & Igualdade no Ensino

Intervenções da conferência

TRIBUTOS A MIGUEL GALVÃO TELES POR OCASIÃO DOS 15 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DE TIMOR-LESTE

Intervenções da conferência

LIBERDADES DE IMPRENSA E DE EXPRESSÃO: QUE PAPÉIS, QUE EFEITOS, QUE FRONTEIRAS E LIMITES?

Intervenções da conferência

GONÇALO ALMEIDA RIBEIRO

FRANCISCO TEIXEIRA DA MOTA

ARTUR DO CRUZEIRO SEIXAS ©Jaime Serpa



